

**TORTO ARADO E A RECONFIGURAÇÃO COLONIAL:  
DESDOBRAMENTOS NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E  
SOCIAL**

**TORTO ARADO AND THE COLONIAL RECONFIGURATION: DEVELOPMENTS IN  
THE CONSTRUCTION OF GENDER AND SOCIAL RELATIONS**

Adelci Silva dos Santos<sup>1</sup>

Vaniele Barreiros<sup>2</sup>

José Pascoal Mantovani<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta análise e problematização em torno do tema do impacto colonial na construção identitária e de gênero, a partir da hermenêutica do livro “Torto Arado” de Itamar Vieira Junior (2019). O problema que miramos nossa atenção está em torno dos relatos em ser mulher descritas na obra supracitada. Como hipótese enfatizamos o papel da arte, de modo especial da literatura em explicitar as relações tóxicas e violentas que demarcam as relações entre mulheres, homens e sociedade. Em um trajeto de revisão bibliográfica, utilizaremos Michel Foucault (2019) como base epistêmicas para refletir sobre a relação entre filosofia, literatura e construção de gênero, além de dialogar com teóricas contemporâneas no âmbito da construção de epistemologias do sul, especificamente Lélia González (2020), Margareth Rago (2019) e Schwarcz (2013), ambas revisitando os imbróglis referentes a negritude e ao corpo feminino. Por fim, destacamos que a heteronormatividade, fruto da colonialidade, exerce poder de controle e subjugação, de modo que a experiência estética possibilita, por um lado, o confronto com as

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras. Membro Consultor da Comissão Estadual da Verdade Sobre a Escravidão Negra no Brasil - OAB-RJ. Membro do Instituto d’Orbigny de Pesquisa. Possui Pós-Doutorado em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em História Política pela UERJ - 2020. Pesquisador CNPQ pelo Núcleo de Estudos das Américas - UERJ (NUCLEAS). Mestre em História Cultural pela Universidade Severino Sombra de Vassouras - RJ - 1999. Especialista em História do Brasil pela Universidade Severino Sombra, Vassouras - RJ. E-mail: [profsantos1969@hotmail.com](mailto:profsantos1969@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Doutora em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAPES), Mestre em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Comunicação Empresarial, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [Vaniele.barreiros@gmail.com](mailto:Vaniele.barreiros@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mestre em Ciências da Religião (UMESP), graduado em teologia, filosofia e história. Atua na docência da educação básica e superior com ênfase de pesquisa em questões no campo da educação, relações étnico-raciais, gênero, decolonialidade, descolonização e epistemologias do Sul. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9474-9247>. E-mail: [prof.pascoalmantovani@gmail.com](mailto:prof.pascoalmantovani@gmail.com).

realidades e, ao mesmo tempo, proposições relacionadas à constituição de modos de subjetividade.

**Palavras-chave:** Torto Arado; Literatura; Filosofia; Africanidade; Colonialidade.

**Abstract:** This article presents an analysis and problematization of the theme of the colonial impact on identity and gender construction, based on the hermeneutics of the book "Torto Arado" by Itamar Vieira Junior (2019). The problem we focus our attention on is around the accounts of being a woman described in the aforementioned work. As a hypothesis, we emphasize the role of art, especially literature, in making explicit the toxic and violent relationships that mark the relationships between women, men, and society. In a journey of bibliographic review, we will use Michel Foucault (2019) as an epistemological basis to reflect on the relationship between philosophy, literature, and gender construction, as well as dialogue with contemporary theorists in the field of the construction of southern epistemologies, specifically Lélia González (2020), Margareth Rago (2019) and Schwarcz (2013), both bringing to light the entanglements related to blackness and the female body. Finally, we highlight that heteronormativity, a product of coloniality, exerts power of control and subjugation, so that the aesthetic experience allows, on the one hand, the confrontation with realities and, at the same time, propositions related to the constitution of modes of subjectivity.

**Keywords:** Torto Arado; Literature; Philosophy; Africanness, Coloniality.

## 1. Introdução

O projeto de colonialidade obteve êxito em terras brasileiras, manifestando-se não apenas na imposição da língua oficial, mas também nos demais elementos que constituem as relações sociais, seja no campo da religiosidade, da moral, da política, da sexualidade ou de outras dimensões culturais. O colonialismo, sob o pretexto de promover a civilidade, não apenas exterminou milhões de indígenas e fomentou o tráfico de pessoas escravizadas — as quais, além de exploradas, foram violentamente exterminadas —, mas também instituiu um modo de existência e de subjetivação pautado em axiomas eurocêntricos, masculinos, cristãos e liberais. Essa herança ainda persiste, exigindo a construção de caminhos que apontem para alternativas de enfrentamento. A literatura pode ser vista como um destes instrumentais.

É por meio da literatura, a qual articula ficção, abstração e abertura hermenêutica, que a realidade é confrontada, e, mais do que isso, relida, ressignifica, e, no caso brasileiro, efetiva-se o papel da decolonialidade. É por meio da ficção, da abstração e da abertura hermenêutica que a literatura se revela como ferramenta potente, de modo que aplicaremos estes aspectos na obra "Torto Arado" de Itamar Vieira Junior (2019). O texto se refere a uma comunidade de pessoas que estão localizadas na Chapada Diamantina, em pleno século XX, as quais, para sobreviver, trocam seus serviços braçais por possibilidade de moradia e plantar sua alimentação. Encontramos neste texto a presença marcante do sincretismo religioso, do processo de evangelização presente nas missões cristãos evangélicas que buscavam impor um

tipo de fé, todavia, simultaneamente, encontramos indícios de uma espiritualidade inclusiva, sem desprezar as experiências constitutivas de mulheres que se formam em meio as mais diversas contingências.

Aliás, o texto de Itamar Vieira Junior (2019) faz da figura feminina a protagonista de toda a trama. Sendo a mulher responsável pelos desfechos mais inusitados, além de descrever vivências que, não poucas vezes, são silenciadas e desprezadas pelas narrativas hegemônicas. Em relação a este aspecto, enfatizamos a personagem Belonísia, uma mulher preta e com deficiência que aprende a viver em um contexto marcado pela égide da colonialidade. Seu modo de existência é resistência e, ao mesmo tempo, imposição de um tipo de ser mulher outro, contrapondo a lógica dominante. Belonísia é modelo de vida que se (re)inventa apesar dos intentos colonialistas. Mulher que personifica um arquétipo que destoa os paradigmas castradores, típicos da modernidade/colonialidade (Mignolo, 2017) Portanto, este artigo apresentará os fundamentos que embasam a análise e a problematização da obra *Torto Arado*, enfatizando a construção do ser para além dos paradigmas hegemônicos.

## **2. Algumas ideias, aproximações sobre Literatura e Filosofia**

A literatura é enxarcada de peculiaridades no que se refere ao modo de apresentar e interpretar a realidade e possibilitar caminhos outros para o pensamento. A dimensão da ficção presente neste ramo artístico não está ligada ao falso ou ilusão, pelo contrário, a ficção está imbuída de elemento criativo que lança luzes ao presente, sintetizado o futuro e passado simultaneamente. A intensidade reside no fato de que parte da experiência ficcional se entrelaça, se mistura com a realidade. A experiência promovida pela literatura é, portanto, possibilitar fruição no agora, lendo o passado nas entrelinhas do futuro. Dito de outro modo, a literatura amplia as experiências justamente por não restringir as possibilidades de vivências.

Nessa articulação entre realidade e ficção, Filosofia e Literatura se confundem. A ligação idiossincrática entre literatura e filosofia remete à origem do ato de filosofar, como destacou Magalhães (2009, p. 48):

a relação entre filosofia e literatura pertence à história de ambas em sua especificidade e, em alguns momentos, ambas se confundem, pois, muitas vezes, o pensador filosófico se dá na literatura e a literatura reflete os grandes debates desenvolvidos na filosofia.

O próprio texto da tradição judaico-cristã– a Bíblia - é composição literária, portanto, está presa a esta lógica. Esse processo de observar o texto como literatura não visa tirar a sacralidade de livros tidos como sagrados, ou lançá-los a uma condição inferiorizada diante dos seus leitores, é, em vez disso, atitude em ampliar a dimensão

da sacralidade a partir da experiência literária, bem como a profunda conexão que a literatura possui com a filosofia.

Se na atualidade existe certa categorização e distinção entre literatura e filosofia, destacamos que este fenômeno é relativamente recente. Seguindo a proposição foucaultiana, a ruptura que demarca a Literatura e Filosofia se dá, sobretudo, a partir do momento em que se “inventa” ou “cria” o gênero literário, isto é

Talvez a literatura seja essa invenção recente, que data de menos de dois séculos. Talvez a literatura seja fundamentalmente a relação que está se constituindo, que está se tornando obscuramente visível, mas ainda não pensável, entre a linguagem e o espaço. (Foucault, 2019, p. 173)

A forma como os gregos contaram sua história, articularam seus mitos com eventos históricos, aconteceu por meio da literatura, a qual explicitava rudimentos filosóficos profundos. Transformar a literatura em apêndice ou elemento outro descolado de outros objetos – neste caso, da filosofia – é deixar escapar as possibilidades inventivas, criativas e ficcionais que só beneficiam o processo hermenêutico do cotidiano. Portanto, “o mistério que circula a Literatura é sua capacidade de propiciar experiências singulares e proximidades plurais (Mantovani, 2020, p. 25)”. Encontramos este elemento na obra de Itamar Vieira. O livro “Torto Arado” entrelaça a vida de homens e mulheres pretos e pretas, bem como indígenas e mestiços no contexto nordestino brasileiro que era marcado pelo coronelismo, patrimonialismo, mestiçagem e o sincretismo religioso (Schwarcz, Starling, 2015). A ficção de Viera Junior reflete a história ao mesmo tempo que narra sobre a vida de mulheres que viviam à margem da sociedade.

É importante destacar que a composição literária não é o simples aglomerado de ideias, contos e fatos, haja vista que a literatura é feita de palavras, mas a palavra, isolada e por si só, não é literatura. É necessária articulação do enredo, em que os personagens, ainda que fictícios, mimetizem a realidade, a vida em si. Por mais que o aglomerado de palavras não se constitua como fenômeno literário, é por meio da linguagem que a literatura se forma, pois “cada palavra é um sinal que indica algo que chamamos literatura” (Foucault, 2009, p. 143). A presença da realidade nas linhas ficcionais não é esvaziada devido ao gênero literário, contudo, apresenta outras lentes para compreender a vida, o cotidiano. A peculiaridade da literatura é ficcionar a existência sem resistências, ou seja, quando encontramos na obra *Torto Arado*, uma festa semanal que reunia todos os empreiteiros e as empreiteiras, que por meio da espiritualidade de matriz africana afirmam suas identidades, intercambiam elementos e constroem novas vivências, encontramos aí a dimensão ficcional sem resistências, pois não há limites para a construção e produção literária

Nessa direção, destacamos alguns pontos. Em primeiro lugar, o quanto a literatura encaminha o sujeito ao ausente. Entendemos o ausente como a

possibilidade outra de interpretação, pois cada indivíduo, em sua ipseidade, carrega a potência de interpretar a ficção a partir das mais variadas chaves. Assim, ausência e presença, silêncio e som, luz e escuridão, enfim, o encadeamento de elementos que, a princípio, se revelam como enquadrados na lógica binária da modernidade, o que a literatura faz é ampliar tal relação, isto é, a literatura provoca a complementaridade interpretativa do texto. Já não mais sob a égide da díade maniqueísta, todavia como potência interpretativa do sujeito em relação à experiência literária.

O segundo aspecto que destacamos se refere em como a literatura se revela como espaço de transgressão. Muitos foram os/as autores/as que atuaram dentro da literatura e suas obras foram vistas como instrumentos de insurreição. Se temos a descrição de Foucault (2015) sobre Sade, como representante de um movimento transgressivo, é possível mensurar, em terras brasileiras, a obra “Maíra” de Darcy Ribeiro (2014) revela a relação entre indígenas, religião cristã e garimpeiros, ou até mesmo na obra de Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo” que faz da sua vida a ficção que se assemelha e se aproxima de milhares de centenas de vidas de pessoas que viviam as margens e periferias de uma grande cidade e precisavam enfrentar o preconceito, racismo, bem como as consequências da condição da vulnerabilidade econômica. Portanto, a transgressão é parte constitutiva da literatura.

Em terceiro lugar, enfatizamos o papel da literatura como simulacro. Não no sentido da mentira, mas da forma de explicitar (ou antecipar) o ser-aí, dito de outro modo, a capacidade de antecipar e revelar a vida em sua autenticidade. Portanto, ao pensar a literatura como mimetismo que representa de modo variado, heterogêneo, sem planificar interpretações ou homogeneizar experiências, nota-se que a experiência literária simula a vida sem desidratá-la em sua intensidade.

O quarto ponto se refere a questão, axiomática, isto é, valorativa de bem ou de mal na literatura, o que há é são possibilidades. Este ponto é bastante complexo, à medida que se compreende o sujeito em uma localidade histórica, com seus sistemas axiomáticos, suas intersubjetividades, seus processos típicos de valoração. Quando se pensa a literatura para além dos limites da moralidade, vislumbra-se com desfechos que não ficam cativos a expectativa unidimensional, pois outras possibilidades emergem no ato de interpretar e vivenciar o texto.

Enfim, em quinto lugar, seguindo ainda nas trilhas de Foucault, “a literatura é uma linguagem ao infinito, que permite falar de si mesma ao infinito” (Foucault, 2009, p. 155). Não existe o limite valorativo e moral, ou epistêmico e pragmático, a dimensão de espaço e tempo é superado ao passo que o sujeito se lança em outras dimensões. Por este viés, a literatura proporciona a dobra, o espelhar sobre si e para além de si, ou seja:

A literatura é apenas a reconfiguração, vertical, de signos que são dados na sociedade, na cultura, em camadas separadas. A literatura não se constitui a

partir do silêncio. A literatura não é o inefável de um silêncio, a efusão daquilo que não pode ser dito e que jamais se dirá. A literatura, na realidade, só existe na medida em que não se deixou de falar, de fazer circular signos. É porque existem signos em torno dela, é porque isso fala, que algo como um literato pode falar. (Foucault, 2019, p. 166-167)

O autor expressa que, ainda que existam limites inerentes ao próprio ato de experiências a literatura, sua capacidade de ressignificar e reordenar o sistema é multifacetado. O poder de “falar” do signo está em relação ao sujeito encontrado por ele e, o sentido, mais do que o que se expressa, é dilatado nas vísceras do sujeito que se propõe a interpretar, aproximar, vivenciar, refutar. Retomando a obra de Itamar Viera Junior, a presença da faca em sua obra ocupa lugar não só de utensílio doméstico, em vez disso, carrega elementos simbólicos bastantes significativos, ao passo que é por meio da faca que as histórias de Belonísia é alterada drasticamente, seja pela questão do seu acidente, seja pelo seu bom manuseio com este instrumento/arma. Deste modo, compreendermos que a literatura explicita o implícito; dá voz ao silenciado; destaca o quanto o óbvio é solapado por conveniências, ou seja,

no momento em que a linguagem renuncia à sua tarefa milenar – a de recolher o que não se deve esquecer -, no momento em que a linguagem descobre que está ligada pela transgressão e pela morte ao fragmento de espaço tão fácil de manipular, mas tão árduo de pensar, que é o livro, algo como a literatura está nascendo (Foucault, 2019, p. 173).

A literatura se propõe a não ser catálogo historiográfico, ainda que conte histórias. O ato de contar história é ampliado quando cada leitor transformar aquela história em singular. Nas trilhas de Foucault, “a literatura, no sentido rigoroso e sério da palavra, que procurei explicar, não seria mais do que essa linguagem iluminada, imóvel e fraturada que, hoje, temos que pensar” (Foucault, 2019, p. 174). Ou seja, a experiência literária traz luz, ainda que delimitada pela lógica da linguagem, abre brechas, espaços, fraturas, para experiências outras. Os solavancos propostos pela literatura é o meio pelo qual as contingências são narradas e, mais do que isso, vivenciadas, algo que destacaremos em Torto Arado.

### **3. O livro torto arado: Provoações e Percepções**

[...] Não agradeceu, era um homem, porque deveria agradecer, foi o que passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera. (Vieira Junior, 2019, p. 97)

A laureada obra de Itamar Vieira Junior (2019), que ganhou diversos prêmios nacionais e reconhecimento internacional, tem um início trágico: um acidente doméstico. O livro começa com uma cena de amputação: uma traquinagem de criança que culmina na decepção da língua de Belonísia, uma das três protagonistas do livro “Torto Arado”. Ainda que a narrativa comece com a interrupção da fala, Vieira Junior explicita outros modos de subversão e transgressão desta personagem que, aparentemente, não teria como falar e interagir em seu mundo. Emerge, portanto, outra estética da existência; maneira outra de se lançar no mundo e passar a vivenciar a vida.

Em linhas gerais, o texto é dividido em três partes, as quais carregam narradoras diferentes. Na primeira parte, o que se ouve é a voz de Bibiana, já no terceiro capítulo o que se escuta é a denúncia do Orixá, Santa Rita Pescadeira. A segunda parte do livro é marcada pela narrativa da irmã que teve a língua decepada. Ainda que sua capacidade de falar tenha sido interrompida, sua habilidade em posicionar-se, impor-se e denunciar se mantiveram intactas. Essa personagem encarna o que Rago (2019) destaca ao se referir ao corpo feminino que não segue os padrões impostos, em vez disso, assume, para si, os piores arquétipos possíveis para seu contexto, ou seja

[...] aquela que não preenchesse os requisitos estipulados pela natureza inscrevia-se no campo sombrio da anormalidade, do pecado e do crime. Não amamentar e não ser esposa e mãe significavam desobedecer à ordem natural das coisas, ao mesmo tempo que se punha em risco o futuro da nação. (Rago, 2019, p. 109).

Outro fator importante destacado por Itamar Vieira Junior é que o enredo desta obra está centrado em uma fazenda localizada na Chapada da Diamantina, em que homens e mulheres negros e negras oferecem sua força de trabalho, análogo ao sistema de empreitadas, com o intuito de cuidar e produzir na terra, a fim de que os proprietários pudessem negociar com a mercadoria gerada e, em troca, essas pessoas poderiam usufruir do que plantavam e produziam. A territorialidade proposta pelo autor, bem como os arranjos comerciais, destaca a herança escravagista que muitas pessoas foram submetidas em território brasileiro de modo impiedoso. Itamar Vieira Junior explicita em seu texto o papel da religião cristã como vetor de docilização dos corpos e aderência a um tipo de pacificação, o qual aceita, de modo incondicional, os mais variados tipos de abusos e exploração.

Em relação ao tempo, o recorte histórico se dá em meados do século XX, período marcado pela estrutura racista e misógina que perpassa toda a história brasileira. O autor não explicita qual ano ou década, mas, à medida que se junta as cenas, os pertences, isto é, a partir dos indícios, a consciência histórica que notamos é de um período marcado pelo coronelismo, paternalismo, salvacionismo cristão e resquícios de uma população que fora outrora escravizada e que precisaram aprender

maneiras diversas para sobreviver, elementos presentes na história nordestina brasileira.

Por mais que a intensidade seja perceptível em todo o livro, o foco deste artigo será no segundo capítulo. Esta seção é marcada pelas experiências de Belonísia, mulher negra e com deficiência. Neste capítulo, a narradora e protagonista destaca os desafios que foi ser uma mulher preta, com deficiência em uma sociedade marcada pela misoginia e racismo religioso. Belonísia deixou a escola muito cedo, devido à dificuldade que tinha em se comunicar e estabelecer relação com as demandas da escola, além de uma certa vergonha por sua condição de criança com deficiência. Após a partida da sua irmã para a cidade grande, e sem intérpretes e pessoas que entendiam sua forma de comunicação no ambiente escolar. Com isso, ainda no período da adolescência, ela decide ajudar seu pai nas atividades da roça e abandonar os estudos. Essa vivência fez com que Belonísia desenvolva-se grande habilidade com atividades que, para seu contexto, eram tipificadas como masculinas, dentre elas o manuseio com a faca (tanto que, em seu contexto, suas habilidades eram comparadas a destreza de um homem). Além disso, a personagem demonstra grande força física, ponto imprescindível para exercer todas as atividades da roça, característica que a diferenciava em relação as demais mulheres.

Contudo, a tradição de sua comunidade, inclusive de sua família, era que as mulheres, em certo momento de sua vida, seguissem as expectativas sociais. Não era diferente para nossa personagem. Sendo mulher, preta e com deficiência, os pretendentes eram praticamente nulos, além do que, por ter características vistas como masculinas, os homens se viam intimidados diante dela. Mesmo diante destes imbróglios, Belonísia decide se casar. Com o desejo de agradar seu pai, aceita o pedido de casamento feito por um forasteiro, recém-chegado ao convívio dos seus. Tobias, homem estrangeiro, que não pertencia à comunidade, mais velho, itinerante e que ganhava a vida trabalhando no campo na figura de um “capataz”, ou seja, aquele que garante que o serviço é realizado pelos trabalhadores.

Em um primeiro momento, Tobias se revela uma pessoa confiável. Aparentemente, representava a segurança que toda mulher de sua comunidade buscava. Tobias é socialmente aceito, bem-visto, contudo, após o casamento se mostra como pessoa bastante cruel, machista, agressiva e violenta. A postura colérica de Tobias só é comedida quando Belonísia demonstra o quão eficiente poderia ser com uma faca na mão.

Vieira Junior descreve os meandres de uma relação agressiva. Diante da imposição da tradição, em que as mulheres precisam aceitar de modo incondicional alguns tipos de relação, Belonísia encarna os sofrimentos femininos. No segundo dia em que ela está casada com Tobias, o intercuro sexual ainda não havia acontecido. Naquele dia, Tobias tinha ido cumprir com suas demandas no campo e ela, ainda que preferisse trabalhar na roça, ficara em casa, cumprindo com as exigências e expectativas de ser mulher. Após a janta, Tobias a leva para o quarto e:

Depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer. Enquanto ele entrava e saía de mim num vai-e-vem que me fez recordar os bichos do quintal, senti um desconforto no meu ventre, aquele mesmo que me invadiu pela manhã com o trotar do cavalo. Virei minha cabeça para o lado da janela. Tentei olhar pelas frestas a luz da lua que tinha despontado no céu mais cedo. Senti algo se desprender de seu corpo para meu interior. Ele se levantou e foi se lavar com o resto de água. Abaixei minha roupa e fiquei de costas com os olhos no teto de palha procurando filetes de luz. Procurando alguma estrela perdida, que se apresentasse como uma velha conhecida, para dizer que não estava sozinha naquele quarto. (Vieira Junior, 2019, p. 98).

Quantos detalhes esta cena revela. Em primeiro lugar, existe a concepção da mulher sendo posta como gáudio masculino. Como objeto de descontração para o homem. Nota-se a total passividade da mulher em relação ao homem que se deita na cama e beija o pescoço, ações que colocam Belonísia na condição de preza. Essa reconstrução faz com que se justifique o temor da mulher que, mais do que silenciada, a personagem é posta em condição de abjeção. Na cabeça dela, o que estava acontecendo naquele momento estava interligado com a condição exclusiva de ser mulher, afinal de contas “era como cozinhar[...], mais um trabalho” (2019, p. 98) e que por viver com um homem, não havia escolha, era sua obrigação, tinha que fazer.

Nossa personagem relaciona o que estava acontecendo consigo com cenas animais que permeavam seu cotidiano. O que ela estava acostumada a ver no campo, entre os animais irracionais, agora vivenciava em sua pele como fêmea da espécie humana. Neste intercurso sexual, o que a personagem sente é desconforto. A cena explicita a inércia de um corpo feminino que vira a cabeça e busca luz pelas frestas que restam. A lua é companheira de um corpo que estava sendo violado. Ainda que estivesse dentro do escopo de permissividade de sua comunidade, haja vista que neste contexto explicitado por Itamar Vieira Junior o homem tem o direito sobre o corpo feminino, a essência daquela mulher estava sendo abusada, violentada.

O tempo da cópula não é revelado pelo autor, contudo, após o gozo masculino, o que resta é a vergonha feminina, afinal de contas ela abaixa sua roupa “e fica de costas com os olhos no teto de palha procurando filetes de luz” (Vieira, 2019, p. 98). A vergonha da personagem se entrelaça com sua procura por acolhimento, ainda que sejam nas estrelas, velhas conhecidas que não deixaria aquele corpo ser violado desamparado. A mulher não reage porque sua condição a condicionou a passividade (González, 2022).

A narrativa de Vieira Junior revela a recorrência da violência doméstica que corpos femininos sofriam no ambiente domiciliar, dentro do contexto do casamento. Ainda que houvesse a legalização comunitária do matrimônio, como dito

anteriormente, a descrição que a personagem faz de sua experiência sexual mimetiza o estupro. A violência contra o corpo feminino é abrandada com a legitimação do casamento. Seguindo nas linhas de Schwartz (2013), a dimensão privada, ou seja, a propriedade chamada mulher é reificada e, assim, a agressão vive eclipsada com a normatividade inerente ao matrimônio. Ainda nessa perspectiva:

[...] o mais importante é que a violência sempre esteve presente na família nuclear como uma mensagem nas entrelinhas, uma possibilidade, porque os homens, graças a seus salários, conquistaram o poder de supervisionar o trabalho doméstico não remunerado das mulheres, de usar as mulheres como serviçais e de punir sua recusa a esse trabalho. Por isso a violência doméstica praticada pelos homens não foi, até recentemente, considerada crime. Em paralelo à legitimação, pelo Estado, dos direitos de pais e mães castigarem suas crianças como parte de um treinamento para se tornarem a futura mão de obra, a violência doméstica contra as mulheres tem sido tolerada pelos tribunais e pela política como reação legítima ao não cumprimento, por parte das mulheres, de suas obrigações domésticas. (Federici, 2019, p. 93).

Conforme a citação, percebe-se que a violência inserida no cotidiano familiar é naturalizada nas relações, algo que assolava sensivelmente Belonísia, mesmo não tendo essa referência por parte de seu pai, nota-se que era uma prática recorrente. Essa situação de violência doméstica só é superada com a morte de inesperada de Tobias. Por mais que o pai da personagem, ao desconfiar de uma situação de agressão e violência que sua filha vivia, tenha chamado para voltar a morar com eles, ela prefere ficar em sua casa, sozinha, cuidando dos seus afazeres.

Algo, nesse tempo, impacta a vida desta mulher: A chegada de Maria Cabocla. A vida comunitária proporcionada pelo jarê (vertente do candomblé praticado na Chapada Diamantina) unia pessoas com matrizes e histórias diferentes. Devido ao caráter menos formalista e ortodoxa, e, ao mesmo tempo sincrética, por articular catolicismo, kardecismo e outras experiências religiosas, as pessoas se aproximavam, se conheciam e passavam a partilhar a vida.

As marcas étnicas de Maria Cabocla eram típicas de uma mulher indígena, isto é, cabelos pretos e lisos, cor de pele vermelha, intensa, olhos escuros. Era uma mulher casada, com filhos, que precisava cuidar tanto da casa como das demandas da roça e que, semelhante a nossa personagem, vivia a violência doméstica das mais variadas formas. Em uma das tensões entre Maria Cabocla e seu marido, Belonísia, ao ser chamada por um dos filhos de Cabocla para socorrer sua mãe que estava sendo agredida pelo pai, interfere, intimidando aquele homem com sua faca. É entre o íterim da saída do marido agressor no início da noite até o amanhecer que a protagonista deste artigo tem uma das experiências mais bonitas da sua vida. Vejamos a narrativa:

Sem se concentrar nos fuxicos que pretendia fazer, que talvez tentasse fazer àquela hora aliviar a inquietação que consumia seu corpo, Maria Cabocla colocou a pequena caixa de lado e se dirigiu a mim. Mesmo na penumbra da casa mal iluminada pelo pequeno candeeiro, vi suas mãos trêmulas, nodosas, se aproximarem de minha cabeça. <<E você que ficou viúva... que triste pode ser ficar desamparada, mas deve ser melhor que ficar como eu estou>>, disse retirando o lenço de minha cabeça, quando senti uma onda quente percorrer o interior de meu peito. Passou a mão sobre meu cabelo crespo, deixando que seus dedos se emaranhassem nele. Senti um conforto que nunca havia sentido com o toque de qualquer pessoa. Poucas vezes me deitei no colo de Donana ou de minha mãe para que fizessem o que maria me fazia agora. Recendia um cheiro de água doce, que bem conhecia, de seus poros. <<Seu cabelo é muito preto, Belonísia. Nunca te vejo sem lenço.>> Sem que voltasse meus olhos para encontrar os seus, deixei que ela afundasse as mãos em mim. Parou. Foi ao quarto para pegar algo. Passou a trançar o meu cabelo escorando o pente que desembaraçava os fios e fazia tranças rentes ao coro cabeludo. Por um instante fechei os olhos para sentir melhor as pontas de seus dedos, que alternavam voltas entre falas e silêncios preenchidos apenas por sua respiração ofegante, em contraste com a minha, que estava cada vez mais lenta, como se me preparasse para dormir. Quando terminou o penteado eu estava quase cochilando e senti o calor de seu corpo próximo à minha cabeça. Levei minhas mãos para sentir as formas do cabelo, há que não havia espelho, e sem querer encontrei sua pele áspera. Caminhos se formaram no alto de minha cabeça e pareciam se moldar com a quentura que percorria meu corpo. Durante muito tempo depois daquela noite, fechei os olhos para tentar sentir de novo Maria Cabocla. [...] (Vieira Junior, 2019, p. 129).

A citação destaca a intensidade da experiência afetuosa de Belonísia. Até então, sua vivência de troca de sentimentos tinha sido experienciada apenas por sua irmã, Bibiana. Essa personagem encontrou o afeto e o amor ainda quando jovem e decide mudar para a cidade grande para desfrutar desse sentimento correspondido. Belonísia teve outro rumo em sua história. Ficou com os pais. Casou-se por necessidade e conveniência. Não desfrutou algo tão intenso que envolvesse outro corpo com o qual pudesse corresponder seus sentimentos, sua vontade, seus desejos.

O autor tem o cuidado de apresentar que a personagem continua a mesma, isto é, Belonísia. Sua vivência singular tangencia experiências de outras pessoas, isto é, ela, em certa medida, tipifica corpos que sofrem os mais variados tipos de agressão, violência e assédio dentro do casamento heterossexual. Na cena da sua relação com Tobias, é possível interpretar, nas sutilezas do texto, o quanto sua existência transita, de um lado, de vivências de mulheres que seguiam, simplesmente, o fluxo do que se entendia como natural, e, de outro lado, a narrativa de uma mulher violentada sem ter o direito de impedir a cópula forçada.

Em contrapartida, a relação com Tobias, o texto destaca a beleza na relação da personagem com Maria Cabocla. O caráter disruptivo desta experiência contraria a tirania do que se compreende por normalidade. Não há intercurso sexual, mas o encontro entre Belonísia e Maria Cabocla transcende qualquer limiar heteronormativo.

A narrativa, por si, apresenta dois corpos que se encontram e, desfrutam mutuamente a partir das sutilezas. A citação explicita que as duas mulheres estavam praticamente sozinhas. Os filhos de Cabocla dormiam e as duas, em outro cômodo, se aproximam.

O toque de Maria Cabocla, seu cuidado, sua gentileza, despertou o paradoxo que é o corpo em chamas e, ao mesmo tempo, a serenidade que o sossego e o cuidado trazem para a pessoa. Este pequeno trecho lembra a noção de Louro (2019) aponta quando uma experiência transgredir os rudimentos homogeneizados pela heteronormatividade, logo, outra concepção de mundo e instaura. Essa experiência carrega o duplo de que, ao mesmo tempo que pode trazer a ideia da culpa, pode, por outro lado, ampliar a percepção de vida do indivíduo. A história de Belonísia é alterada a partir desse contato afetoso.

### **3. Belonísia e o Ser mulher: Contra a lógica colonial**

A primeira parte deste trabalho apresentou alguns elementos ligados a concepção de literatura e sua relação com a filosofia, em seguida, destacamos trechos da obra *Torto Arado*, especificamente as narrativas de Belonísia na maneira como se constituiu como mulher que enfrenta as suas contingências. Neste momento, apresentaremos alguns entrelaçamentos da filosofia com a literatura a partir de *Torto Arado*.

O primeiro elemento importante a ser explicitado é que a narrativa de Belonísia supera a noção unilateral sobre a história. Nessa direção, conforme Chamamanda Ngozi Adichie, “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é o que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2019, p. 26), logo, ao adentrar nas páginas de *Torto Arado*, é possível perceber as experiências multifacetadas que as personagens vivenciaram, as quais carregam singularidade compreensiva.

A própria sexualidade da personagem é resignificada. Sua experiência matrimonial não repercutiu positivamente, contudo o fato com Maria Cabocla se revela intenso, o qual marca a trajetória de Belonísia. O ato de elaborar essa experiência, como apresenta Itamar Vieira Junior, não é tarefa fácil. A ficção literária demonstra os desafios em condensar as experiências e encontrar sentido para elas. Esse fenômeno acompanha a história da humanidade, isto é,

Em todos os tempos, e provavelmente em todas as culturas, a sexualidade foi integrada num sistema de coações; mas é apenas no nosso, e em data relativamente recente, que ela foi dividida de um modo tão rigoroso entre razão e o desatino, e logo, por via de consequência e degradação, entre saúde e a doença, o normal e o anormal. (Foucault, 2009, p. 90).

O contato destas duas mulheres, lança luz a vivências que não poucas vezes são menosprezadas, mas que carrega significados indescritíveis. Em paralelo a essa situação podemos destacar o caso de Filipa de Sousa e Paula de Siqueira (Mantovani, Vincentin, 2021), mulheres do século XVI que foram condenadas por vivenciarem uma relação erótica afetiva. Belonísia tipifica o arquétipo de mulher que sofre violências variadas, mas que, ao mesmo tempo cria dispositivos de enfrentamento. Se, por um lado, há o padrão de mulher, há, por outro, a possibilidade do contraditório, da insurgência.

Conforme Rago (2019, p. 91),

certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira sacrifício implicou na completa desvalorização profissional, política e intelectual. Esta desvalorização é imensa porque parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.

Observa-se na que a identidade da mulher padrão é sintetizada em ações típicas da mulher doméstica, materna e passiva. Belonísia, por sua vez, constrói sua identidade extrapolando tais limites. Sendo mulher, preta e com deficiência, que mora sozinha, que cuida de si, se protege e, quando necessário, é tão intimidadora quanto qualquer homem. Ela representa a diferença do ser mulher. Seus adjetivos fazem dela sujeito por completo, independente, mesmo opondo-se as expectativas. Vale destacar que as peculiaridades de Belonísia nunca foram impedimentos para brincar no jarê sua família, ou seja, a função da vivência religiosa comunitária não é para imposição identitária, em vez disso, para a articulação de existências singulares que se dispõem a confluírem sem dar voz a lógica predatória identitária.

### **3. Considerações Finais**

O esforço deste artigo foi apresentar, em um primeiro momento, os elementos que demarcam a aproximação da literatura e a filosofia, com o intuito de enfatizar que a experiência literária é, em si, ferramenta transgressiva e com potencial ímpar de sublevação. Em seguida, destacamos o quanto o livro de Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, demonstra essa hipótese. A ênfase dada está no segundo capítulo, em dois momentos distintos: o primeiro que se refere a relação abusiva vivenciada no casamento e, o segundo, a relação afetiva que a personagem descobriu ao se aproximar de outra mulher que, semelhante a ela, vivenciava violências e maus-tratos das mais variadas formas de seu cônjuge. Por fim, enfatizamos que Belonísia tipifica a mulher, outra que rompe com a lógica identitária e, portanto, apresenta possibilidades vastas ao que se refere a constituição de si mesma.

O espírito colonial é perceptível em toda a narrativa como normatividade que se impõe como padrão de existência. O texto demonstra o quanto os corpos femininos são condicionados a um tipo de vida que carrega o traço da agressão, da violência, do estupro, todavia, são assimilados e tolerados pela comunidade em nome de um tipo de preservação dos costumes e tradição social. A provocação do texto está na condição de perceber que algumas estruturas possuem suas raízes bastante profundas, as quais persistem até os dias atuais.

A narrativa dá destaque para a experiência religiosa comunitária. Por mais que os donos das terras carregassem o cristianismo, e pelo que o texto indica, a vertente evangélica pentecostal, Itamar Vieira Junior destaca o papel da ancestralidade africana na composição da espiritualidade daquela comunidade. A vivência do jarê incomodava os grupos cristãos dominantes. Os donos e senhores da terra buscavam meios de converter aquele povo a suas práticas e vivências cristãs. Contudo, o aspecto inclusivo, comunitário, acolhedor, inclusivo e desinstitucionalizado do jarê ampliava sua significância para toda a comunidade, haja vista a ideia de que não há pré-requisito para o pertencimento, pois a inclusão se dá por si.

Outro ponto que o autor evidencia está em torno da sexualidade. Se por um lado se observa a imposição de um tipo de estrutura familiar marcado pela monogamia, heterossexual, em que a figura masculina ocupa papel de destaque e de poder, o texto do Torto Arado demonstra que vivências outras da sexualidade já compunham o cotidiano das pessoas. Nessa direção, Belonísia se apresenta como clivagem, a imposição colonialista, sendo, em si, a tipificação do processo de descolonização e de decolonialidade. Aferimos esse elemento devido à capacidade da personagem romper com a lógica dominante. Ela está inserida em um contexto marcado pela violência com os corpos femininos, de modo que sua vida se revela como antítese ao modelo colonialista dominador. A personagem se revela como possibilidade outra de (re)existência

Por fim, destacamos o papel da literatura como forma de explicitar o que é implícito e, ao mesmo tempo, apresentar, por meio da ficção, elementos que auxiliem na maneira de enfrentar a herança colonista. O texto de Itamar Vieira Junior apresenta uma leitura da própria história do povo brasileiro, não mais pelas lentes dos dominadores, mas pelas vidas que foram silenciadas e desprezadas ao longo dos anos. Sobretudo, uma das grandes contribuições e percepção do livro é dar a voz para a figura feminina, seja ela mulher preta, seja mulher preta com deficiência, seja um orixá. O livro, em si, rompe com a leitura masculinizada e cristã da história e propõe outro ponto de partida, logo, é possível aferir nova leitura dos fatos. Vale destacar que este movimento não é o revisionismo negacionista típico de linhas conservadoras, em vez disso, a proposta do livro é demonstrar o entendimento do cotidiano a partir de vidas cotidianas.

Encerramos este artigo destacando que o processo de descolonização só se efetivará se as pessoas que sofrem as mais variadas formas de violência e agressão, ganharem espaço para narrar suas vidas, suas histórias. Povos indígenas,

quilombolas, bem como as demais minorias, precisam assumir a caneta para escrever e narrar a história. Este pequeno recorte sobre violência doméstica, misoginia, racismo religioso e homoafetividade não passa de uma fagulha hermenêutica que se coloca como voz de denúncia aos movimentos colonialistas que precisam ser destruídos e destituídos por meio de propostas decoloniais. Logo, a literatura é instrumental potente para a efetivação deste aspecto de insurgência e resistência.

## Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos – Volume III: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.
- FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FOUCAULT, M. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- GONZÁLEZ, L. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Editora Ática, 2011.
- MAGALHÃES, A. C. **Deus no Espelho das palavras: Teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MACHADO, R. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MANTOVANI, J. P. Hermenêutica Foucaultiana: indícios metodológicos. In: RIPOLI, F. (Org.). **Hermenêutica em diálogo**. São Paulo: Alexa Cultural, 2020.
- MANTOVANI, J. P.; VINCENTIN, N. M. Costura de prazeres requebros: a insurgência e atualidade de Filipa de Sousa. São Bernardo do Campo: **Revista Mandrágora**, v. 27, n.1, 2021, p, 73-94. Disponível em <https://revistas.metodista.br/index.php/mandragora/article/view/140/140>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 32, n. 94. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 19 de outubro de 2024.
- RAGO, M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- RIBEIRO, Darcy. **Maira**. Rio de Janeiro: Editora Global, 2014.
- SCHWARCZ, L. **Nem branco, nem preto, muito pelo contrário**. São Paulo: Claro Enigma, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- VIEIRA JUNIOR, I. **Torto Arado**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.